

Lazer vai do parque ao shopping

Adulto brinca como criança e centros comerciais "descobrem o turismo" com as programações especiais do período

Se o Parque da Cidade está mais cheio que de costume no primeiro mês do ano, há quem aproveite o clima festivo para tentar reviver a infância nos brinquedos da meninada. "Tem pai dizendo que brincou no parquinho, quando criança, e quer usar de novo os brinquedos", conta o administrador do local, Cássio Poli. "O peso dos adultos acaba enfraquecendo os brinquedos e isso pode pôr em risco as crianças", lembra ele.

Há poucos dias, um funcionário da Novacap dava um exemplo desses, balançando-se tranquilamente no parquinho Ana Lúcia, do Parque da Cidade. Abordado por um segurança, recusou-se momentaneamente a se retirar do balanço, alegando que os brinquedos podem agüentar até 150 quilos. "Estou com a minha filha no colo", dizia, sem querer sair. Até ser convencido do contrário.

Comportamento que não costuma acontecer nos equipamentos para crianças instalados nos shoppings, que mantêm nesta época muita programação infantil, entre outras promoções para aumentar a clientela.

Para o secretário de Turismo do Distrito Federal, Lourival Zaganel, "os shoppings descobriram o turismo". Ele atribui a maior presença de público nos pontos da cidade às promoções feitas pela Setur. "Dá para notar que há ônibus de turistas visitando a cidade", diz.

Já o Sindivarejista (Sindicato do Comércio Varejista) acredita que são os moradores da cidade que estão viajando menos. "Pelo menos 20% das pessoas que costumavam viajar não saíram da cidade este ano", diz Wlanir Santana, presidente do sindicato. "As pessoas estão se cansando dos mesmos lugares ou voltando mais cedo das férias. Isso acontece até comigo mesmo."

QUEDA

Se tem muita gente nos shoppings, essas pessoas estão utilizando a área mais para lazer do

que para compras. "O aumento na circulação de pessoas necessariamente não se reflete nas compras", reconhece João Marcos, do Conjunto Nacional. No McDonalds do conjunto, a vendedora Flávia Costa calcula uma diminuição de 30% a 40% no volume de vendas.

Ainda não há números relativos a este ano, mas parece que se mantém o registrado em anos anteriores. O movimento do comércio no mês de janeiro de 1999, em relação ao mês imediatamente anterior, teve uma queda de 17% nas vendas, de acordo com a Pesquisa Copjuntural de Comércio feita pela Federação do Comércio do DF (Fecomércio).

Os setores mais ligados ao Natal caíram, no período, cerca de 30%. Já os segmentos que não são afetados diretamente pelas vendas natalinas (como supermercados e postos de gasolina) tiveram queda de 10%. Segundo a Fecomércio, isso é reflexo da saída de parte da população.

Um dos termômetros da cidade são os estacionamentos superlotados. E sempre fica visível o esvaziamento de Brasília nas semanas que antecederam Natal e Ano-Novo e na primeira semana do mês de janeiro.

Mas, a partir da segunda semana útil, já não é mais possível encontrar vagas tão facilmente no Setor Comercial Sul (o terror do brasiliense) ou nas áreas próximas ao Congresso Nacional e em toda a Esplanada dos Ministérios. "Hoje em dia, todo mundo tem carro e tem gente aproveitando as vagas em estacionamentos para tirar o carro da garagem nesse período", diz a servidora pública Elza Mazieno Teles, funcionária do Ministério do Trabalho.

Ela estava numa fila para se vacinar contra a febre amarela, pois vai viajar de ônibus para o Nordeste. Muita gente dos ministérios também aproveita a relativa calma nos expedientes do serviço público para encarar a vacina. (NAJ)

Adauto Cruz



Até gente grande usa o balanço do parquinho Ana Lúcia para reviver momentos da infância, mas os vigilantes sempre mandam parar

**"PELO MENOS 20%
DAS PESSOAS QUE
COSTUMAVAM VIAJAR
NÃO SAÍRAM DA
CIDADE ESTE ANO"**

Wlanir Santana,
presidente do Sindivarejista

**"A OCUPAÇÃO DA
REDE HOTELEIRA
ACONTECE ATÉ
MESMO PELAS
PESSOAS QUE VÊM
FAZER TRATAMENTO
MÉDICO NA CIDADE"**

Maurício do Vale,
presidente do Conventions Bureau